

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



**UM ESTUDO ETNOGRÁFICO: PERCEPÇÕES SOBRE O NEOCOLONIAL EM  
MACAPÁ – AP**

**AN ETHNOGRAPHIC STUDY: PERCEPTIONS ABOUT THE NEOCOLONIAL IN  
MACAPÁ**

**UN ESTUDIO ETNOGRÁFICO: PERCEPCIONES SOBRE LO NEOCOLONIAL EN  
MACAPÁ**

Felipe Moreira Azevedo<sup>1</sup>

Cybelle Salvador Miranda<sup>2</sup>

**RESUMO**

O artigo procura apresentar percepções de como o Neocolonial está presente no repertório arquitetônico da cultura amazônica. Assim, o problema da pesquisa volta-se em aprimorar o conhecimento sobre esta linguagem estética em Macapá, o seu reconhecimento como fonte histórico-social-arquitetônica para a memória na/da cidade, assim como compreender sua inserção ao espaço social e urbano atual, destacando não apenas como um testemunho simbólico de um determinado período, assim como repositório de valor afetivo, mas também um conjunto de elementos arquitetônicos constituintes de uma cultura. A partir da aplicação do método etnográfico, atentou-se a como ela se apresenta e reflete na sua interação ao meio circundante, a fim de detectar o seu eixo valorativo cultural, não só como estética na compreensão da memória de moradores desta cidade, auxiliando na leitura das permanências e apagamentos, mas também na apreensão e enquadramentos no presente, enquanto parte da dinâmica cultural amazônica.

**Palavras-chave:** Arquitetura Neocolonial. Etnografia. Cultura Amazônica.

**ABSTRACT**

The article seeks to present perceptions of how the Neocolonial is present in the architectural repertoire of Amazonian culture. Thus, the research problem is focused on improving knowledge about this aesthetic language in Macapá, its recognition as a historical-social-architectural source for memory in/of the city, as well as understanding its insertion into the current social and urban space, highlighting not only as a symbolic testimony of a certain period, as well as a repository of affective value, but also a set of architectural elements constituting a culture. From the application of the ethnographic method, attention was paid to how it presents itself and reflects on its interaction with the surrounding environment, in order to detect its cultural value axis, not only as aesthetics in the understanding of the memory of

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará (PPGAU/UFPA). <https://orcid.org/0000-0002-6490-1217>, [arqlipe.moreira@gmail.com](mailto:arqlipe.moreira@gmail.com)

<sup>2</sup> Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará (PPGAU/UFPA). <https://orcid.org/0000-0001-5913-989X>, [cybelle@ufpa.br](mailto:cybelle@ufpa.br)

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



residents of this city, helping in the reading of permanence and deletion, but also in the apprehension and framing in the present, as part of the Amazonian cultural dynamics.

**Keywords:** Architecture Neocolonial. Ethnography. Amazonian Culture.

## RESUMEN

El artículo busca presentar percepciones de cómo lo Neocolonial está presente en el repertorio arquitectónico de la cultura amazónica. Así, el problema de investigación se centra en mejorar el conocimiento sobre este lenguaje estético en Macapá, su reconocimiento como fuente histórico-social-arquitectónica para la memoria en/de la ciudad, así como comprender su inserción en el espacio social y urbano actual, destacando no sólo como testimonio simbólico de una determinada época, así como depositario de valores afectivos, sino también como conjunto de elementos arquitectónicos constituyentes de una cultura. A partir de la aplicación del método etnográfico, se prestó atención a cómo se presenta y refleja en su interacción con el medio circundante, con el fin de detectar su eje de valor cultural, no solo como estético en la comprensión de la memoria de los habitantes de esta ciudad. , ayudando en la lectura de permanencia y borrado, pero también en la aprehensión y encuadre en el presente, como parte de la dinámica cultural amazónica.

**Descriptores:** Arquitectura Neocolonial. Etnografía. Cultura Amazónica.

## 1 APONTAMENTOS SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL EM MACAPÁ

A intenção do estudo da linguagem Neocolonial presente no Norte do Brasil consiste em procurar fechar uma “lacuna” aberta nesta história arquitetônica, haja vista que muito pouco tem-se sobre esta forma de representação e expressão de um momento considerado importante para o país (Azevedo, 2013). Buscar suas referências, assim como o período (exato ou aproximado) de suas construções, será uma das formas de conhecer mais sobre esta fase da arquitetura brasileira que em Belém ganhou número considerável de adeptos em prédios residenciais, enquanto que em Macapá, há destaque para a modernização advinda em obras, principalmente, institucionais.

Em Macapá, intervenções na área central da cidade se iniciam por volta de 1943, gerando a perda de grande parte dos exemplares coloniais. Esta fase corresponde aos projetos desenvolvidos na época do então governador Capitão Janary Gentil Nunes (1944-1956) (Fundação Getúlio Vargas, 2009), marcando o início do processo de inserção de novas arquiteturas nesta cidade. Momento em que se constroem exemplares institucionais neocoloniais, como o Hotel Macapá, hoje reconstruído com linhas que fazem lembrar vagamente o antigo edifício.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



A linguagem Neocolonial, no Brasil iniciou em um momento de transformação, em que as influências estrangeiras passaram a ser questionadas, apontando o caminho da “revalorização” da nacionalidade, ou seja, a busca pelo retorno das bases, raízes. No caso da arquitetura, houve o retorno à valorização da “arquitetura vernácula” de influência portuguesa (principalmente).

Logo, tem-se o nacionalismo como ponto de partida para a modernidade na arquitetura brasileira, na década de 20, do século XX, com o surgimento do Neocolonial, cujo objetivo era o de reviver ou trazer à tona uma arquitetura que pudesse “representar” este país, combinando a tradição (brasileira e de outras influências) com a modernidade, já presente nas vanguardas, gerando uma reinterpretação da arte e da arquitetura (Azevedo, 2015).

No caso de Macapá, destaca-se na Arquitetura neocolonial a função institucional, e por ser desenvolvida em época do ex-território, há uma simplificação ornamental valorizando a racionalidade cartesiana, em linhas e padrões arquitetônicos mais puros, destacando a relação do Neocolonial mais voltado a linhagem no tipo militar. Portanto, a identificação dos elementos característicos, também, auxilia não apenas na percepção arquitetônica e estética das edificações do início do século XX, mas reforça a presença e a identidade da linguagem Neocolonial em Belém e Macapá, seja através de sua peculiaridade presente no uso de determinados materiais e elementos estético-funcionais ou na própria forma de apropriação desses estilemas e caracteres por parte da sociedade, assim como pelos próprios profissionais (mestres de obra, engenheiros civis, etc.) da época.

A ideia de patriotismo e nacionalismo exacerbado que era propalado por Ricardo Severo e, posteriormente, utilizado como forma de poder político para controlar a massa (povo) na Era Vargas não é presente nos modelos encontrados da arquitetura Neocolonial estudada em Belém. O que é visto nesses exemplares é a busca pelo novo, pelo que era considerado o *moderno* da época (primeira metade do século XX), representa uma fase da arquitetura paraense em que a sociedade estava mudando o seu ideal arquitetônico do ecletismo para uma nova concepção.

Diferente do que se vê em Macapá onde, na época de ex-território, a dita “modernidade” chega à cidade, trazendo esta estética compositiva representativa do governo da Era Vargas. Mais conectada à ideologia patriótica desta linguagem, como nos exemplares das antigas escolas agrícolas, que muito se assemelham aos padrões institucionais ainda encontrados nesta cidade, acabando por conseguir ostentar toda a visibilidade e a imponência

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



que o poder público necessitava para seus edifícios. Assim, esta estética foi “rapidamente identificada pelo governo e pela população em geral como representação de modernidade, de originalidade, de tradicionalismo, de *status* e, por certo, de outras qualificações” (Mascaro, 2008, p. 90).

Partindo destes apontamentos, o presente estudo busca, através da teoria etnográfica, via aplicação do método de etnografia de rua, auxiliar ao problema desta pesquisa em aprimorar o conhecimento sobre a linguagem Neocolonial na região Norte do País, com foco em Macapá; o seu reconhecimento como fonte arquitetônica para a memória na/da cidade, assim como compreender sua inserção ao espaço social e urbano atual.

## 2 ETNOGRAFIA EM CAMPO: O ESTAR LÁ E O ESTAR AQUI

A pesquisa etnográfica é o cerne da Teoria Antropológica, uma vez que não há conhecimento sem observação em campo. O entendimento do *locus* da pesquisa se dá a partir da interlocução com o nativo e da observação direta. Essa percepção é a base do discurso de Laplantine (2003, p. 121), afinal para o autor “a abordagem antropológica de base, (...), provém de uma ruptura inicial em relação a qualquer modo de conhecimento abstrato e especulativo”.

Para a teoria etnográfica (Peirano, 2014), esta interação ou imersão do pesquisador etnógrafo é parte importante e necessária para o bom andamento da pesquisa científica, uma vez que “não consiste apenas em coletar, através de um método estritamente indutivo, uma grande quantidade de informações, mas em impregnar-se dos temas obsessivos de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias” (Laplantine, 2003, p. 121).

Muito mais do que procurar compreender a percepção própria do pesquisador sobre a cultura que estuda, deve-se buscar entender a visão do outro, no caso, o *nativo* (Geertz, 1997). Ou seja, na prática etnográfica o ato da experiência do pesquisador não deve ser pautado somente naquilo que se vê (percepção observativa, porém sem interação).

Mas a base consiste em promover a interação deste com os sujeitos presentes no ambiente estudado, procurando assim compreender e experienciar não pela única e restrita visão de observador, mas como participante daquilo que se visa compreender. Em outras palavras, o etnógrafo, muito mais que analisar pela sua percepção e condição, ele procura interagir com o indivíduo a fim de interpretar seus modos de agir e pensar.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



Portanto “essa apreensão da sociedade tal como é percebida de dentro pelos atores sociais com os quais mantenho uma relação direta” (Laplantine, 2003, p. 122) seria o ponto chave para diferenciar o que os etnógrafos praticam, em relação aos sociólogos, e aos historiadores. Ou seja, a relação do etnólogo com o que se estuda é mais interativa e imersiva do que a do sociólogo.

A ponto em que a compreensão daquele acerca do estudado não consiste em um entendimento apenas derivado da simples observação científica, do método, mas, principalmente, também pelo ato de adentrar e interagir com aquilo que se estuda, permitindo ser influenciado pelo comportamento e visão de outros que praticam ou interagem cotidianamente (como algo de sua prática cultural), uma vez que é parte do ofício que o pesquisador seja modificado pela relação com o ‘outro’.

Ao optar pela etnografia como meio para a investigação acerca da linguagem Neocolonial em Macapá (AP), os pesquisadores visam apropriar-se desta manifestação enquanto parte de uma cultura amazônica, a qual se pretende trazer à tona. Nesse sentido, não se pretende apreender os objetos arquitetônicos isoladamente como ‘amostras”, mas o que se visa interpretar “é o próprio contexto no qual se situam esses objetos” (Laplantine, 2003, p. 129).

Em Peirano (2014), o ato de mergulhar no espaço no qual encontra-se o objeto de estudo é algo essencial e necessário. É a partir dessas relações de imersão que se pode procurar compreender a visão do *nativo* (Geertz, 1997) sobre o objeto de pesquisa. Portanto, em etnografia, a base de seu produto científico seria:

Tudo que nos surpreende, que nos intriga, tudo que estranhemos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou vivemos (ou mesmo opostas), e as nos alertar para o fato de que muitas vezes a vida repete a teoria (Peirano, 2014, p. 378).

Elaborando um caminho possível para a pesquisa etnográfica, definimos estratégias: a primeira etapa consiste no levantamento documental sobre aquilo que se quer pesquisar – que pode envolver documentos, iconografias, periódicos; e por segundo, o levantamento fotográfico – que neste caso requer o início da chamada imersão *in loco*. Onde além de realizar estes registros, apreende-se as primeiras impressões (ainda vagas e etnocêntricas – de certa forma) sobre o objeto de estudo.

Essas percepções iniciais, embora não sejam a intenção de produto final da pesquisa etnográfica, são válidas, pois servem para romper alguns paradigmas científicos, como as

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



discussões acerca da validade da produção textual etnográfica (GEERTZ, 2009). Neste caso, a questão do “eu” dentro da pesquisa científica, torna-se princípio necessário para se obter um bom produto etnográfico; e quando se pensa nele, é impossível não adotar as memórias do pesquisador junto com as do *nativo*<sup>3</sup>.

Nesta linha de pensamento, pode-se fazer certas conjecturas no que tange às pesquisas na área de arquitetura. Afinal, quando se realiza tais produções, o pesquisador/observador é levado a interagir com o objeto de estudo, o que permite aguçar leituras ou releituras, ou como em Peirano (2014, p. 378) “é nesse momento que o instinto etnográfico é acionado”.

Quando se busca analisar arquiteturas com interesse à preservação, seja por seus valores históricos ou estéticos, as memórias associadas a estes objetos são um recurso essencial à pesquisa. O recurso às memórias individuais é decisivo para revelar origens, datações, autorias, e outros aspectos que não são possíveis de serem identificados por meios documentais.

Assim, em arquitetura, o ato de examinar o passado, coloca o pesquisador não somente como leitor ou investigador, mas como provável participante da trama histórica. Ou “é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos” (Peirano, 2014, p. 379). Em relação às arquiteturas neocoloniais em Macapá, as lembranças praticadas pelas pessoas (nativos) no uso das obras Neocoloniais, na região Norte do Brasil, são fontes relevantes, porém este artigo reservou-se a descrever as experiências de campo de um dos autores.

Além das próprias interações do pesquisador, como as vivências pessoais que se obtém ao interagir com estas obras, a exemplo do estudo do processo de demolição do conhecido Macapá Hotel (analisado na incursão apresentada neste ensaio), alvo de descaracterizações de sua estética arquitetônica e construção de um novo edifício contendo referências formais ao antigo edifício. Essa ocorrência gerou questionamentos em relação a quais os valores atribuídos pelos moradores da cidade aos exemplares da linguagem neocolonial.

O contexto de preservação e destruição das arquiteturas do antigo território possui pontos de contato com o que ocorre em outras capitais do Norte, como a paraense, mas a

---

<sup>3</sup> Nativo é o termo utilizado em Antropologia para designar o sujeito que pertence ao local onde se está pesquisando.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



pouca presença de arquiteturas dessa linguagem, apresenta agravo maior quando relaciona-se a questão da memória (coletiva ou individual) sobre estas. O que intrigou mais a procurar entender, o que elas significam hoje para aquela sociedade? Assim entendeu-se a afirmação de Peirano (2014, p. 379) quando diz “a pergunta central se resume a esta: onde e quando aprendemos que ‘estranhar’ é uma ferramenta fundamental na pesquisa antropológica? ”

O ato de estranhar seria o que instiga ou intriga o pesquisador, não por buscar o seu ponto de vista, ou uma visão única sobre o estudo, mas de entender os vários significados expressos por este. Dessa forma, compreende-se que a etnografia não é método, mas teoria. Por que ela não determina uma única forma, já definitiva e precisa, fixa de pensar, mas sim, por que ela traz à tona, a discussão sobre algo, que instiga (estranha) a procurar praticar (pesquisar e dialogar), a fim de olhar por sobre os ombros do nativo.

O produto da etnografia é o texto etnográfico, que se baseia nos Diários de Campo escritos pelo pesquisador após suas incursões. O texto etnográfico é um desafio abordado por Geertz (2008, p. 30), que nos coloca: “o que faz o etnógrafo? – ele escreve”, e por mais óbvio que isso possa parecer, a sua escrita não é uma “literatura” (pelo menos não em um padrão convencional, um romance, por exemplo). Mas sim a busca por inscrever, no papel, uma dada ação, fazendo do texto uma *descrição densa*.

Os textos etnográficos devem ser compostos de fatos e cenas precisas, que são captadas pelo pesquisador, e não de acontecimentos mundiais. Logo, o texto etnográfico não procura ser absoluto, mas sim focal, no sentido de procurar atender-se a uma cena ou a um pequeno grupo de cenas, com as quais se possa realizar uma descrição densa sobre aquilo que se estuda.

Essa característica é a base da pesquisa etnográfica, logo, uma das ações importante ao produto textual etnográfico é deixar bem claro que, de fato, o pesquisador/observador pode “Estar Lá”. Ou seja, a escrita empregada no texto etnográfico deve ser convincente ao ponto de, em sua leitura, transmitir ao leitor a sensação de que aquele realmente interagiu com o meio a qual o objeto de estudo está locado, assim como o nativo.

Entende-se, portanto, que o texto etnográfico não é uma simples descrição de dados sobre o que se estuda. Muito mais do que Estar Lá, o Estar Aqui impera dentro da pesquisa científica hoje. Neste caso, o fato de que tanto os mundos que são estudados (externos) quanto os que o pesquisador pertence (interno/acadêmico) sofreram alterações. E hoje muito mais do



[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



que somente apresentar os resultados de uma imersão ao objeto de estudo, o etnógrafo deve relacionar ou contextualizar com o mundo.

### 3 INTERPRETANDO A LINGUAGEM NEOCOLONIAL MACAPAENSE A PARTIR DE UMA INCURSÃO ETNOGRÁFICA

Seguindo os passos da pesquisa etnográfica, buscou-se nesta produção uma análise base sobre algumas obras Neocoloniais na cidade de Macapá, estado do Amapá, a fim de melhor conhecer e perceber suas relações e interações com o contexto atual citadino e assim obter informações acerca de, não somente, seus detalhes, traços, estilemas e/ou ornamentos estéticos, mas observar como são apropriados pela sociedade e o espaço urbano atual.

A incursão que resultou neste artigo foi realizada em junho de 2021 (Fig. 1), e deteve-se num percurso por ruas do centro de Macapá, com as quais o pesquisador já tinha alguma familiaridade, por morar na cidade há cerca de 5 anos. As narrativas do Diário de Campo<sup>4</sup> escrito no gabinete do pesquisador contêm as observações feitas *in loco*, cotejadas por eventos trazidos à tona como lembranças anteriores. Assim se inicia o texto:

**Figura 1.** Mapa do percurso realizado.



Fonte: <https://earth.google.com>. Modificado por AZEVEDO, Felipe Moreira. 2021.

<sup>4</sup> O Diário de campo integra as técnicas de investigação etnográfica. Visa organizar as impressões do pesquisador e servir de base ao texto etnográfico mais elaborado. O módulo de pesquisa Diários de campo foi integrado ao currículo do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA em 2020, como complemento à disciplina Método Etnográfico para Pesquisa em Arquitetura, que consta como disciplina do Mestrado desde 2010.



[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



Hoje<sup>5</sup> meu percurso teve como foco prédios institucionais. Objetivei nesta análise o levantamento de prováveis arquiteturas Neocoloniais encontradas no decorrer de cinco ruas locadas em dois bairros de Macapá, o Central e o do Trem. Confesso que estava nervoso, pois com os casos de covid-19, na cidade, embora dizem a diminuir, mas todo cuidado deve ser redobrado.

Tentando à prática de uma investigação que visava o estranhamento aos exemplares que já eram familiares ao pesquisador, buscava-se entender as arquiteturas Neocoloniais institucionais como parte da paisagem da cidade.

desci do Uber na Avenida Fab (entre as Ruas Tiradentes e São José), e de forma quase que automática peguei minha *companheira* para todas as horas desse trabalho (o celular), que estava em meu bolso, e após estar revestido por completo de minha *armadura sagrada de Atena*<sup>6</sup>, que incluía também minha sombrinha, dei início à incursão partindo da Avenida Fab, em direção à Rua São José (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

A incursão realizada permitiu compreender e entender a relação de De Biase (2015) acerca da prática etnográfica, na relação da imagem com a alteridade que acionam um processo de tradução. Assumimos o papel de tradutores destas arquiteturas, associando os registros imagéticos a narrativas coletadas a posteriori com moradores da cidade. Assim:

Nesta esquina, avisto o primeiro exemplar, o antigo GM<sup>7</sup> (1949), hoje ainda mantendo a função original, de ensino, mas agora voltado para homens e mulheres, atuando como a Escola Estadual Antônio Cordeiro Pontes. Este prédio é avantajado em horizontalidade, ocupando toda a testada da quadra voltada para a Avenida Fab (praticamente todo o m<sup>2</sup> da quadra) (Fig. 2) (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

**Figura 2.** Fachada principal da Escola Estadual Antônio Cordeiro Pontes.



Fonte: Azevedo, Felipe Moreira, 2021.

<sup>5</sup> Visita de campo realizada no dia 05 de junho de 2021.

<sup>6</sup> Os Cavaleiros do Zodíaco, também conhecido em diversos países como Saint Seiya, era originalmente um desenho em quadrinhos japonês (mangá), escrito e desenhado por Masami Kurumada e foi publicado na revista Shonen Jump, no editorial Sueisha, entre janeiro de 1986 até dezembro de 1990.

<sup>7</sup> Ginásio Masculino.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



Na análise investigativa, atentou-se não somente experienciar, mas traduzir a composição estética das obras arquitetônicas. Logo, procurou-se aplicar “uma experiência muito forte de como transformar o outro no nosso” (De Biase, 2015, p. 18), propondo uma reflexão de análise descritiva, mas também compreendendo a interação com o espaço e com o “Eu” (Duarte, 2015).

Vendo-o, percebo traços característicos a linguagem Neocolonial como frontão em destaque no eixo central da fachada principal, junto como o pórtico e seus conjuntos de 10 arcos, de cada lado. Eu estava do outro lado da via e mesmo assim não tive condições de fotografar a obra por completo, devido tão grande ser sua extensão. Logo, atravessei a via, pela faixa de pedestre desenhada quase exatamente a frente da entrada principal da escola – o trânsito não estava grande, para falar verdade nem trânsito tinha (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Ao atravessar pude notar mais detalhes de seu pórtico principal e mais detalhes de seus quase arcos quebrados, o piso cimentado de seu recuo frontal e poucas arborizações que lutavam para existirem. O sol não estava a pino, mas em se tratando de Macapá, tal lógica não existe – praticamente a estrela maior aparenta estar o tempo todo em seu zênite (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Procurando analisar o espaço de imersão, como em Geertz (2008), “(...) notei que o passeio (...), pelo lado da escola é bom em largura, mas o que ganha neste quesito, perde nas regras de acessibilidade, afinal nenhuma sinalização há, e postes e árvores (inadequadas) (...) brigavam para ver quem ficaria empatando o andar do passante”<sup>8</sup>.

Segundo De Biase (2015, p. 19) “(...) acreditamos só na tradução fiel: a tradução, palavra por palavra (...) [mas] essa palavra não tem nada de fiel. É uma transformação radical (...)”. Ou seja, procurou-se aplicar a esta pesquisa de campo etnográfica uma análise sobre a estética arquitetônica, mas partindo de uma percepção própria ao buscar interagir com as mesmas, a partir do conceito de empatia espacial destacado por Duarte (2015), [re]construindo o espaço como construção simbólica.

[o] novo modelo percebido (...) se trata da atual Escola Estadual Barão do Rio Branco (Fig. 3) (1944) (AMAPÁ, 1946) (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Esta arquitetura esteve recentemente em “reforma”, para uns, e “restauro”, para outros. Trata-se da primeira arquitetura escolar criada para este fim em Macapá, na época do então Governo de Janary Gentil Nunes – já conhecia sobre ela e puder notar em sua história uma certa semelhança com outra obra Neocolonial, só que em Belém do Pará, o atual Instituto Estadual Carlos Gomes (IECG) (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

<sup>8</sup> Trecho da Visita de campo realizada no dia 05 de junho de 2021.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)

**Figura 3.** Fachada principal da Escola Estadual Barão do Rio Branco.



Fonte: Azevedo, Felipe Moreira, 2021.

Essa construção de símbolos permitiu cumprir a primeira articulação, segundo De Biase (2015), a fidelidade da tradução com a fotografia, pois ao olhar esta obra, pode-se interpretar as integrações e influências estéticas, acerca da linguagem Neocolonial de pesquisas anteriores (Azevedo, 2013), na qual procurou-se estar “aberto a eventualidades, a descobertas de nós mesmos e dos outros. Jogar com a alteridade” (De Biase, 2015, p. 21). Assim:

Semelhança não em traços arquitetônicos, mas em adaptações e acréscimos feitos em prol de uma “defesa patrimonial” – muito questionada, a julgar pelas perdas de traços e detalhes, me fez lembrar de Bogéa (2009). Bom, hoje esta obra encontra-se intervinda apresentando toda a aparência de sua novidade e, de certa forma, contemporaneidade, como em Riegl (2006) (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado). Seus anexos foram todos alterados em estética, porém o prédio central preservou-se alguns traços e criou-se outros. Beiral, arcos de volta perfeita, pórtico proeminente, variação de cobertura, foram mantidas, porém detalhes de cachorrada, esquadrias, paisagismo, muro e algumas cores foram alterados (perdidos). Além de piso cimentado no recuo, rampas e sinalização foram acrescentados (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

A terceira articulação destacada por Alessia De Biase é com a imagem. Neste caso esta, “mesmo na impressão não é a ‘realidade’, mas uma imagem da ‘realidade’. A realidade

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



é uma questão de narração (...)” (De Biase, 2015, p. 22). Logo, a partir das fotografias realizadas nesta incursão, pode-se apreender e analisar traços e detalhes dessas arquiteturas.

Bom, ao atravessar a Avenida Fab para a Rua Cândido Mendes, me deparei com o terceiro exemplar, o famoso prédio da Casa do Governador (1944) (AMAPÁ, 1946) (Fig. 4). Famoso, pois já foi muito comentado – bem e mau. (...) (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Assim dobrei, na esquina da Cândido como a Avenida Coroliano Jucá, para chegar na Rua Binga Uchôa, onde consegui avistar a arquitetura. Ela é simples, porém linda! Com seus arcos de volta perfeita, beiral sobressaltante, muro baixo e um paisagismo necessitando de cuidados. Na verdade, a casa está desocupada, pois o atual governador está morando na sua própria residência que está alugada para o governo, para servir de morada ao governador, que é o dono da referida propriedade (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

**Figura 4.** Fachada principal da Casa do Governador.



Fonte: Azevedo, Felipe Moreira, 2021.

A apreensão imagética também auxilia a obter-se certas percepções *a posteriori* à incursão realizada. Destaca-se isto, pois ao revisar as mesmas, após término da incursão, percebeu-se a integração urbana e paisagística do referido exemplar acima como o espaço público a sua frente.

E interessante é o fato de que a entrada não está para a cidade, mas sim para o rio Amazonas, que pode ser avistado logo à frente, passando a Praça Zaguri. Isto me remete um pouco à ideia do Chateau de Versailles, no princípio de planificação barroca em que a frente deste se volta para a natureza – na intenção de dominá-la, enquanto dá as costas para a cidade, no sentido desta a servi-la (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).



[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



Lógico que não se pode negar que sair da sua casa e se deparar com uma paisagem como o rio Amazonas e não a antiga praça cívica de Macapá é bem melhor. Quando pensei nisso, senti uma ponta de receio, e a velha lógica globalesca veio a minha mente, a especulação imobiliária. Espero que este exemplar, sendo público, possa resistir, pois se fosse particular, creio que já jazeria, e de suas cinzas, não uma fênix, mas uma quimera imobiliária já poderia estar a ser construída (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Com esta percepção, compreendeu-se que embora tenha ocorrido as articulações apresentadas em De Biase (2015) acerca de tradução, a produção escrita desenvolvida com base na incursão, não se trata de uma simples tradução sobre uma visita de campo acadêmica, mas uma narração a respeito das impressões adquiridas ao interagir com o meio. Ou como em Duarte (2015, p. 73) “A partir da experiência sensorial, nosso corpo constrói, ao longo de nossa existência, as noções da espacialidade que usamos a todo instante no processo de cognição dos lugares. Usamos a memória corporal para nos imaginarmos no espaço”. Uma impressão marcante foi causada ao avistar o Hotel Macapá:

O que outrora fora o renomado Hotel Macapá (1944), hoje é um conjunto arquitetônico abandonado (Fig. 5), cujo paisagismo sem cuidado só acentua a situação. Mas para piorar mais este trata-se de um falso histórico! Sim, o existente jaz no terreno onde encontra-se enterrado o verdadeiro. Os traços neocoloniais vistos hoje remontam ao original, com seus conjuntos de arcos frontal e lateral, e sua entrada avarandada, é tudo fake, que triste (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

**Figura 5.** Fachada lateral do atual Hotel Macapá.



Fonte: Azevedo, Felipe Moreira, 2021.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



Ao perceber a obra, entendeu-se o discurso de De Biase (2015) acerca das diferenças entre tradução e narração, quando esta afirma que “(...) um bom tradutor não podia não ter feito a experiência das coisas” (p. 23). Neste caso o etnógrafo não seria um tradutor, mas um narrador que experienciou um determinado acontecimento, ou fato, ou seja, no caso da prática de pesquisa etnográfica interage-se com o meio de estudo, logo, ele narra o que experiência.

(...) tive que desviar de meu caminho, devido uma obra na feira, próximo a Casa do Artesão, que simplesmente colocou placas de metal delimitando a área de trabalho da obra. Mas acabou também criando uma barreira no passeio, me obrigando a ter que andar na faixa de rolamento. Passando tal infortúnio, e já começando a sentir um pouco mais do sol nosso de cada dia, chego a Avenida Mendonça Júnior e a atravesso para chegar ao lado onde está a fortaleza (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Caminhando pelo passeio, vejo sujeira e crateras, o que até então já era normal, mas também me deparei como pombos e urubus! Andar perto da fortaleza, é agradecer por eu estar com minha *companheira* a sombrinha, pois não se tem uma arborização de copa grande nesse espaço. Porém o que é um problema, quando visto por outro ângulo torna-se uma dádiva, pois sem impedimentos, avistei o quinto exemplar (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Portanto, como em De Biase (2015), o tradutor é um intérprete, ou seja, é o veículo pelo qual pode-se acessar a cultura que está a ser estudada ou analisada em determinada pesquisa. Como em Geertz (2009), este o elo entre o Estar Lá e o Estar Aqui. Ou como em Duarte (2015, p. 74) “ao penetrarmos em determinados locais da cidade, sentimos que sua ambiência se funde conosco: corpo e espaço entram em consonância, construindo a realidade espacial que nos circunda”.

Este trata-se do Mercado Central de Macapá (1952) (Prado, 2008). Obra Neocolonial muito semelhante, em seus traços, aos mercados, também Neocoloniais, da Ilha de Mosqueiro, em Belém do Pará. Todavia, assim como o segundo exemplar avistado hoje, este também já foi intervindo e parte descaracterizado. A começar por sua cobertura que ao reluzir a luz solar, praticamente cega em determinado horário do dia, além da criação de um chafariz, a frente da obra, que até já virou motivos de chacota por parte de alguns cidadãos macapaenses (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

O mercado apresenta sua fachada frontal (figura 6) e posterior idênticas nos detalhes, a única exceção é que a posterior possui uma escada central devido o desnível do terreno. Na frontal vê-se três grandes portas, sendo a do meio maior em altura, com duas folhas cada e bandeiras de vidro com estrutura de madeira, há também, de cada lado dessas três centrais, três outras portas menores, idênticas nas almofadas e cores da porta, e bandeiras. A superior das três portas centrais há aberturas (Fig. 6), sobre as duas menores há três janelas que seguem o mesmo formato das portas, com presença de venezianas e sobre

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)

a porta principal, há um óculo quadrilobado (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

**Figura 6.** Fachada principal do Mercado Central.



Fonte: Azevedo, Felipe Moreira, 2021.

Este prédio, como percebido na incursão, sofreu intervenção, pois “seu interior já está todo modificado e alterado, adaptando a contemporaneidade e as prováveis necessidades de seus usuários e vendedores, com piso em lajota clara, forro em gesso, móveis de MDF, pintura clara (...), e outros” (Diário de campo, 5/06/2021). Mas analisando o entorno deste, percebeu-se que o complexo do qual faz parte não recebeu os mesmos cuidados.

(...) saindo pela fachada posterior, percebi que do complexo a qual está inserido o Mercado Central, apenas este passara por obras, pois o conjunto de comércio que entorna as fachadas laterais e posterior da obra, apresentam a realidade, creio eu, da maioria desses trabalhadores. São vielas esburacadas, com esgoto a céu aberto, o que me remete a real finalidade da intervenção no Mercado – será um maqueamento, uma alegoria como em Choay (2010)? (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

Antes deste, percebeu-se que assim como em De Biase (2015) assumiu-se, ao longo desta pesquisa etnográfica, a função de *hermeneus*, que segundo a autora anteriormente citada (p. 25) “(...) são capazes [de] dar voz a coisas diferentes”. Ou seja, a aquilo que em âmbito cotidiano não é percebido ou valorizado. Atuou-se como um tradutor/narrador de uma interação entre o “Eu” e o “Outro”, como em Duarte (2015), que não é lida ou escrita, mas sentida. Trata-se da linguagem não oral da arquitetura e do seu diálogo mudo com aqueles (observadores) que a estudam e procuram interpretá-la.

(...) por fim, ao chegar na esquina da Avenida Cônego Domingos Maltês com a Rua Jovino Dinoá, eu avisto a sexta obra Neocolonial de meu itinerário, a Escola Estadual Irmã Santina Rioli (Ver Oliveira, 2017) (1951-1952) (Fig. 7), no bairro do Trem. Sua forma é semelhante à da primeira obra avistada nesta caminhada.



[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



Possui pórtico central proeminente, porém com mais detalhes em seu frontão, com nove arcos de cada lado, sendo estes no padrão arcos quebrados (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

O paisagismo frontal é bem organizado e trabalhado, e, assim como a primeira obra, apresenta avantajada horizontalidade, ocupando toda a testada da quadra que se volta para a Rua Jovino Dinoá. Está locada, na frente, para a Praça Nossa Senhora da Conceição. O passeio de sua quadra, na frente de sua fachada principal, é largo, porém os velhos titãs continuam, postes e árvores (Trecho do diário de Campo – Macapá, 05 de junho de 2021, das 08:47 às 09:49. Sábado).

**Figura 7.** Detalhe da Fachada principal da Escola Estadual Irmã Santina Rioli.



Fonte: Azevedo, Felipe Moreira, 2021.

#### 4 CONCLUSÃO

Hoje, na capital do Amapá, há intenso processo de renovação nas edificações das áreas mais antigas, em que os valores de novidade e contemporaneidade (RIEGL, 2006), passam a ser usados para a tomada de decisão acerca de intervenções em bens que tem interesse à preservação. Tais reformas e remodelações findam por comprometer o reconhecimento estético histórico da obra, mas, também, a vivência memográfica da sociedade (Azevedo, 2020).

A atividade de campo serviu para analisar essas arquiteturas, ditas de interesse à preservação, a partir de outro ângulo de pesquisa, voltado a como as mesmas se relacionam com o espaço urbano atual, além das profícuas mudanças sociais que refletem na forma de percebê-las, conhece-las e reconhece-las como artefatos na/da cidade.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



Os projetos realizados em obras neocoloniais, em Macapá, seguem, por análise, uma linha de intervenção por analogia (Rubió, 2008). Todavia, o agravamento vem em relação às tomadas de decisão sobre os apagamentos selecionados nas mesmas, assim como na falta seja de conhecimento ou de interesse de grande parte da sociedade de Macapá, a respeito das obras neocoloniais existentes na cidade.

Segundo Azevedo (2020), em Macapá, percebe-se uma ruptura no processo de conhecimento do passado social. Seja pelos avanços por qual passam as sociedades na era contemporânea, ou outros, percebe-se que, hoje, a maior parte da nova geração desta cidade, pouco ou quase nada sabe sobre a história de sua comunidade. E quando se reverte a discussão para a questão da história da arquitetura, o vácuo tende a aumentar.

Nesse sentido, o estudo e divulgação científica das edificações neocoloniais, aprofundando a relação destas com o desenvolvimento da cidade e da tradição construtiva na Amazônia, tem potencial para ampliar seu reconhecimento pela sociedade local como documento memográfico e cultural da/na Amazônia.

## AGRADECIMENTO

Agradecemos a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) pela bolsa concedida para realização desta pesquisa.

---

Todos(as) os(as) autores(as) declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

## 5 REFERÊNCIAS

AMAPÁ, Território Federal. **Relatório das atividades do governo do Território Federal do Amapá**. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1946.

AZEVEDO, Felipe Moreira. A Importância da Memória Individual e Coletiva na Preservação de Bens de Interesse em Belém-PA e Macapá-AP. In: MENDES, Paulo Sérgio Abreu; PALHETA, Ana Corina Maia; SOUZA, Adirleide Greice Carmo de (org.). **Desenvolvimento Ambiental e Urbano da Cidade de Macapá**. 1ª Edição. Senado Federal. Brasília, 2020. p. 261-273.

AZEVEDO, Felipe Moreira. A Linguagem Arquitetônica Tradicionalista: estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940). Belém, 2015. 281f. **Dissertação** (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



AZEVEDO, Felipe Moreira. Instituto Estadual Carlos Gomes: Análise Histórica, Arquitetônica e Proposta para uma intervenção museográfica no prédio pioneiro. Belém, 2013. 154f. **Monografia** (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará.

BOGÉA, Marta. **Esquecer para Preservar**. Revista Arqtextos, Nº 15, 2009.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Editora Edições 70. Coimbra, 2010.

DE BIASE, Alessia. Aljava com flechas pontiagudas debaixo do braço- a tradução entre narração e interpretação. p. 17-27 In: JACQUES, Paola B; BRITTO, Fabiana D (org). **Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea III Alteridade Imagem Etnografia**. Salvador: EDUFBA, 2015.

DUARTE, Cristiane Rose. A empatia espacial e suas implicações nas ambiências urbanas. **Revista Projetar**, out. 2015. p. 70-76.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. 2009. **Janari Gentil Nunes**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/janari-gentil-nunes> Acessado em: 26 de dezembro de 2020.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. Editora Vozes. Petrópolis, 1997, p. 85-107.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. 3ª Edição. Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 2009, p. 11-39, 169-193.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1ª Edição. Editora LTC. Rio de Janeiro. 2008. p. 13-41.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. 1ª Edição. Editora Brasiliense. São Paulo, 2003.

MASCARO, Luciana Pelaes. Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950. 2008. 578 f. **Tese (Doutorado)** – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Tatiana Pantoja. A educação feminina na fronteira da Amazônia: escolas para as mulheres no exterritório federal do Amapá (1949-1964). **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 3, p. 710-725, set./dez. 2017.

PEIRANO, Mariza. Etnografia Não é Método. **Revista Horizontes Antropológicos**. Ano 20. Nº 42. Porto Alegre, 2014. p. 377 – 391.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: sua essência e sua gênese**. – Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

[https://doi.org/10.20873/out2023\\_2](https://doi.org/10.20873/out2023_2)



RUBIÓ, Ignasi de Solà-Morales. Do Contraste à analogia: novos desdobramentos do conceito de intervenção arquitetônica. p. 254 – 263. In.: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo, Cosac Naify, 2ª ed. rev., 2008.

Recebido em: 12/09/2023

Revisado em: 15/09/2023

Aceito em: 13/10/2023